

SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A PROBLEMÁTICA DO ENVELHECIMENTO: A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL

Maria Pereira Coutinho¹

¹ Professora No ISSSL – Universidade Lusíada Lisboa/Investigadora CLISSIS

Introdução

Neste **Dia Europeu da solidariedade intergeracional**, é-me extremamente grato partilhar com os presentes, embora sucintamente, dado o tempo de que disponho, algumas ideias sobre uma questão que a todos nos interpela: “Sociedade contemporânea e problemática do envelhecimento: a importância da solidariedade intergeracional”. Não vou fixar a minha atenção, nem na análise dos conceitos implicados na análise da questão, nomeadamente sobre o próprio conceito de geração e sobre a noção de bem-estar, nem nas várias abordagens teóricas, actualmente presentes, no debate das relações intergeracionais.

A abordagem que me propus seguir sobre o referido tema não atende, assim, tanto aos aspectos económicos (preocupação que é hoje muito valorizada e que está focalizada na previdência social e na distribuição dos dinheiros públicos, com uma forte conotação política), mas, pretende fundamentalmente, numa atitude reflexiva, perspectivar os aspectos ligados a um autêntico desenvolvimento humano e, nessa medida, de solidariedade intergeracional.

Numa sociedade com as características da nossa e com uma população cada vez mais envelhecida, como é a portuguesa, é importante perceber como é que as gerações mais jovens se relacionam com a mais envelhecida e vice-versa. Para isso, torna-se necessário o conhecimento desta sociedade que afecta tanto as crianças e os jovens como as gerações mais velhas. Prestando atenção ao processo do envelhecimento, importa valorizar, efectivamente, o potencial humano de cada etapa da vida, não em termos de conflito de gerações, tema em relação ao qual muito se tem escrito e muitos estudos têm sido feitos, mas em termos de uma atitude de autêntica solidariedade e partilha.

Neste sentido e de acordo com o título que me foi dado, dividi esta minha curta comunicação em três partes: 1. Sociedade contemporânea 2. Problemática do envelhecimento 3. Importância da solidariedade intergeracional.

1. Sociedade contemporânea

É, hoje, sobejamente conhecido que a sociedade contemporânea se encontra num processo rápido e profundo de transformação social e cultural; nela estão

presentes determinadas dificuldades de funcionamento, tanto nas instituições responsáveis pela coesão social, como nos modos através dos quais se formam as identidades individuais e colectivas, podendo, assim, falar-se de crise, não só social e cultural mas, fundamentalmente, de crise do homem.

De facto, todas as análises apontam para problemáticas culturais, por vezes contraditórias, que afectam dimensões fundamentais da existência humana, com repercussões directas no campo social.

Caracterizada pela perda de sentido para a vida humana, controlada pelo progresso científico e tecnológico e ao qual não são alheios, prioritariamente, os interesses económicos, o homem tornou-se, como dizia Herbert Marcuse, o acessório da máquina produtiva e do aparelho de dominação. Deste modo, a razão tornou o homem num prisioneiro.

Vários filósofos modernos explicaram, de vários modos, esta situação histórica do homem, na qual corrupção, mentira e violência se tornarem, para ele, realidade “natural”: K. Marx, quando, sob uma forma muito própria, ilustra a alienação do homem; Kosick ao salientar a “reificação” actual do homem; M. Heidegger quando fala de que vivemos na “inautenticidade”; Unamuno ao afirmar que o homem corre o risco de se trocar por um outro eu, um eu de mercado, sujeito à oscilação dos preços; Jürgen Habermas ao considera que, na sociedade actual, o “mundo-da-vida” está colonizado pelo “sistema”, através de uma racionalidade estratégico-instrumental, comprometendo a identidade individual e colectiva.

O contexto cultural e social em que vivemos é, de facto, um contexto novo, complexo e difícil marcado pela modernidade, pela pós-modernidade e pelo poder enorme das tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Estamos perante uma sociedade marcada pela cultura moderna que valoriza: a secularização (perda da referência do religioso, para a convivência social e para os planos pessoais de vida); a autonomia (valor acima de qualquer outro para a plena conquista de si mesmo); o pluralismo (eleito como valor moral, possibilitador da convivência das liberdades e das decisões colectivas). A pós-modernidade: valoriza o individualismo e a independência; o efémero, o imediato e o vazio; prescinde de normas e de valores universais; é perpassada por um pensamento débil, sem princípios *a priori*. As TIC vão conquistando, cada vez mais, espaços da vida humana; nelas, se baseiam, cada vez mais, como elemento económico, mercadoria altamente qualificada, a produtividade e a competitividade, com um impacto enormemente significativo não só na produção de bens e de serviços, mas também no conjunto das relações sociais e nos padrões de conduta. O homem desta sociedade virtual (*a sociedade em rede*, como refere Manuel Castell) é um homem-produto.

De referir, ainda, que estamos perante uma sociedade onde, a par de enormes progressos, científicos e tecnológicos, predomina a adopção de éticas de cariz hedonista e utilitarista e onde tem vindo a acontecer: perda do laço social; perda da identidade, uma vez que atinge a representação que cada um tem de si

próprio, sobretudo a nível mais pessoal; desqualificação de aspectos da cultura de vários sectores da população; necessidade de reconstrução ilimitada da personalidade e da capacidade de aprendizagem ao longo da vida; exigências de mobilidade; imprevisibilidade, incerteza e insegurança; perda da privacidade; aumento das desigualdades sociais e da exclusão social.

2. Problemática do envelhecimento

É com este contexto de sociedade que são confrontados os responsáveis políticos, os responsáveis sociais, os responsáveis da educação e, sobretudo, as famílias. Em relação às famílias, que valorizamos preferencialmente, todas as transformações sociais e culturais referidas as atingem, como não podia deixar de ser, afectando o seu papel no reconhecimento da identidade individual e a sua função sociabilizadora. Em toda esta situação social e cultural, fica também comprometido o reconhecimento do valor e do papel que a pessoa do idoso ocupa na estruturação da nossa sociedade, sendo afectado o próprio conceito de envelhecimento.

O envelhecimento foi, desde sempre, motivo de reflexão para o ser humano. Contudo, ao longo do tempo, o conceito de envelhecimento e as atitudes perante o idoso têm vindo a mudar reflectindo o nível de conhecimentos sobre fisiologia e anatomia human, bem como a cultura e as relações sociais de cada época. Na nossa sociedade, o envelhecimento tornou-se um fenómeno muito relevante, devido, sobretudo, à sua implicação na esfera socioeconómica.

Nos séculos passados, a velhice era considerada um acontecimento excepcional, encarado com respeito e orgulho. No actual contexto cultural e social, o envelhecimento está a ser considerado como um problema eminentemente social, devido ao aumento da esperança de vida e nas respectivas consequências, a nível social, da saúde e da economia e, sobretudo, devido à redução das taxas de natalidade. Tornou-se, assim, hoje, um problema delicado, a nível mundial, aparecendo como um dos grandes desafios do século XXI.

Aquilo que existe é, porém e sobretudo, um problema da sociedade para com os seus cidadãos de mais idade.

Do ponto de vista social, as mudanças, na perspectiva do envelhecimento demográfico, correspondem às alterações da estrutura etária da população, com a existência de um duplo envelhecimento: envelhecimento na base (diminuição da percentagem de crianças e jovens) e envelhecimento no topo (aumento significativo da população idosa). Num século, a percentagem de jovens passou de 45% para 15% e a de idosos (maiores de sessenta e cinco anos) passou de 5% para 20%. As estatísticas demográficas indicam que, no século XVII, 1% da população atingia os sessenta e cinco anos; no século XIX, 4% da população atingia os sessenta e cinco anos; hoje em dia, dois terços da população ultrapassa os sessenta e cinco anos e um terço ultrapassa os oitenta anos. Em Portugal, a percentagem

de idosos com mais de sessenta e cinco anos era: em 1960, 8%; em 1975, 12%; em 2000, 16,4%; e a previsão para 2020 é de 18%.

Estas transformações demográficas, resultantes, particularmente, do aumento da esperança de vida, têm levado ao reconhecimento de que as relações de cuidado dentro das famílias são cada vez mais importantes, assistindo-se a um maior número de pedidos relativamente a recursos e cuidados entre os membros das famílias. Existe um consenso sobre o facto de as famílias serem o palco onde as relações se desenvolvem, sendo os cuidados de apoio moldados pelos valores e pelas experiências que decorrem ao longo da vida.

O problema é que as famílias estão a sofrer alterações tanto em termos de forma como de significado, indo para além da estrutura das famílias nucleares, acontecendo um alargamento das fronteiras do grupo de parentesco, em termos de rede de relações de parentesco, encontrando-se a noção tradicional de parentesco perante um desafio. São de considerar, ainda, as consequências da revolução reprodutiva, relativamente às modificações que operam nas estruturas relacionais.

3. Importância da solidariedade intergeracional

Todos os aspectos referidos relativos às transformações da sociedade actual e à problemática do envelhecimento são, assim, elementos a considerar na reflexão sobre as relações intergeracionais, em termos de solidariedade.

Neste sentido, no contexto da sociedade contemporânea e perante as dificuldades nela existentes, compreende-se o facto de as análises prospectivas acentuarem: a necessidade do desenvolvimento da capacidade de “viver juntos”, enquanto construção de uma ordem social sustentável; a exigência de novas tomadas de consciência, sobretudo a nível ético, e o apelo à solidariedade. E, pe-
sem, embora, as profundas transformações na família que condicionam o apoio ao idoso, valoriza-se a relação dos avós com os netos, dando, aos primeiros, novo sentido para a vida e, aos netos, uma mais-valia na sua educação, sobretudo ao nível dos valores éticos e religiosos, numa autêntica perspectiva de educação intergeracional. Esta relação integra-se na busca de sentido para a vida e na sabedoria, aperfeiçoando o equilíbrio entre a cognição e a afectividade.

As relações intergeracionais entre os membros da família são mantidas por um conjunto de factores tais como: laços de afecto, sentimentos de reciprocidade sobre a vida, sentimentos de obrigação, incentivos económicos e valores culturais. São estas relações que se tornam, ao nível da sociedade, elementos eficazes de coesão, de partilha e de solidariedade entre os cidadãos, desempenhando a velhice um papel importante.

A velhice é, de facto, um tempo diferente, mas, nela, a felicidade continua a ser razão de viver. A velhice continua a ser um tempo de sonhos, de projectos, de realizações e de esperanças. Dela, Anselm Gruen enumera as seguintes virtudes:

a paciência, a mansidão, a liberdade, a gratidão e o amor. Nela se mostra como é importante envelhecer em conjunto e que há um dinamismo maravilhoso que urge aproveitar no casal, na família, no grupo de amigos, na equipa dos antigos companheiros de trabalho

Encontramo-nos perante a sabedoria que implica capacidade de compreensão, de comunicação e de julgamento e integra qualidades cognitivas, reflexivas e afectivas, bem como capacidade de diálogo e de aprendizagem com os mais jovens. Tem, pois, muita razão o provérbio: “quando fores velho, aconselha-te com um jovem sensato”.

É neste contexto de solidariedade intergeracional que se descobrem as virtudes de cada geração e se demonstra a Importância da solidariedade intergeracional que, com justiça, dá sentido à vida e contribui para um autêntico desenvolvimento humano, quer individual, quer social.

E sendo, na nossa época, a exigência da Justiça e a questão do Sentido as questões maiores dos homens, é através da justiça e do sentido que se desenham as novas fronteiras das solidariedades inter-humanas.

Apela-se, por isso, à ética, salientando que qualquer actividade, inserida na comunidade humana, deve ter em consideração a radical dignidade das pessoas envolvidas. A ética opera como que um chamamento ao qual cada consciência humana responde pessoalmente e de modo autónomo, no dinamismo da sua auto-realização, implicando, na sua essência, uma abertura ao sentido, indissoluvelmente ligada à abertura aos outros, **à coexistência e, nessa medida, à solidariedade.**

Conclusão

Marcada por uma lógica impessoal e de controlo social, vivemos numa sociedade em que a personagem principal não é o homem mas a máquina. Organizada para o quotidiano, centrada no resultado técnico e económico e numa cultura hedonista na qual se implantou o utilitarismo, com debilidade das crenças, e onde é notório o ocaso da “moral do dever” e da normatividade ética, com dificuldades a nível dos quadros de referência para a orientação da acção. E, uma vez que está em questão a existência de uma referência universal para toda e qualquer realidade, fica comprometida a própria humanidade e o seu suporte cognitivo e moral.

Compreende-se, assim, o apelo à cidadania e à solidariedade, nomeadamente à solidariedade intergeracional.

Importa, porém, para que haja uma autêntica solidariedade intergeracional, focar a questão complexa da justiça social entre gerações e apontar, sobretudo, para a necessidade de repensar, quer o pretenso Estado de Bem-Estar, quer a sociedade, quer, ainda, a família como fonte provedora de suporte não só dos idosos, mas das diferentes gerações.

A questão da solidariedade intergeracional apresenta-se, assim, como uma questão ética, como uma questão de humanização da sociedade que, de forma crítica e participativa, urge construir, assente na dignidade da pessoa enquanto ser de relação.

Bibliografia

- Beck-Gernsheim, E.,(2002). *Reinventing the family. In search of new life styles*. Cambridge, Polity Press.
- Castells, M., (1997). *La era de la Información. Economía, Sociedad y cultura*, 2º vol., Madrid, Alianza ed..
- Coutinho, M. Pereira, (2002). *Racionalidade comunicativa e desenvolvimento humano em Jürgen Habermas. Bases de um pensamento educacional*, Lisboa, Colibri.
- Esping-Andersen, G., Sarasa, S.,(2002). "The generational conflict reconsidered" in *Journal of European Social Policy*, v. 12, n. 1, pp. 5-21.
- Fernandes, A, (1997). *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*, Oeiras, Celta Ed.
- Fernandes, A, (2008). *Questões demográficas – Demografia e Sociologia da População*, Lisboa, Ed. Colibri.
- Gruen, Anselm, (2010). *Sublime arte de envelhece e tornar-se uma bênção para os outros*, 2ª ed., Prior Velho, Paulinas Ed.
- Hoff, A., (2009). "As alterações das relações intergeracionais nas sociedades europeias" in *O Tempo da vida. Forum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento*, Cascais, Príncipeia.
- Walker, A. (1993). "Intergenerational relations and welfare restructuring: the social construction of an intergenerational problem" in Bengston, V. L., Hengston, V. L., Henbaum, A. (eds.), *The changing contract across generations*. New York, Aldine De Gruyter.